

F 3: Comunicação política digital

Palestrantes: Adriano martins (Cais) e Sergio Amadeu da Silveira (UFABC)

Protocolo resumido: Marcos da Costa Melo

Anna Moser (Misereor) inicia a oficina com a apresentação dos participantes e seus respectivos temas:

Sérgio Amadeu Silveira (UFABC), sociólogo, doutor em ciências políticas, ativista de direitos democráticos no mundo digital e professor adjunto da Universidade do ABC em São Paulo, apresentará filmes sobre a questão e logo após fará uma análise sobre o processo de desinformação na internet no Brasil, entre outras por parte do atual governo brasileiro. No final ele apresentará instrumentos para combater este processo de desinformação.

Adriano Martins (CAIS), sociólogo e coordenador dos programas educacionais do CAIS, apresentará perspectivas de uma comunicação digital democratizante com base num conjunto de entrevistas produzidas especialmente para esta oficina. Em seguida ele avalia a questão básica da comunicação digital no Brasil.

Sérgio Amadeu Silveira (UFABC) explica a complexa estrutura tecnológica da comunicação digital, que além de estar interligada, é predominantemente controlada por plataformas centralistas: com os primeiros usuários da internet, observou-se no início do século 21 a esperança de uma informação participativa, que produziria expectativas de maior democratização e mais igualdade no acesso a fontes e conteúdos diversos. Contudo, se observa nos últimos 15 anos, que a internet produz crises singulares e geram desinformação social, distorcendo processos eleitorais democráticos e fortalecendo redes com tendências fascistas no Brasil e no mundo. Nestes últimos anos a internet e os seus grandes centros informáticos precarizaram a participação democratizante e produziu informações selecionadas para seus usuários, atendendo dessa forma interesses econômicos de grupos capitalistas dominantes da área. O acúmulo de dados pessoais de usuários e a propaganda intensiva de produtos de consumo diversos são bastante perceptíveis.

O youtube ou o instagram por exemplo, comenta Sérgio Amadeu, privilegiam somente aqueles usuários de maior força econômica envolvidos pela compra de seus serviços e apoiados por algorítmicos. Estes algorítmicos são fundamentais na estrutura das plataformas e determinam assim a expansão e acumulação de dados pessoais ou de metadados.

A popularização da whastapp e o youtube, seja por membros da família, grupos de estudantes, funcionários ou jornalistas, trouxe um aumento de desinformação além de deixar rastros de dados pessoais ou metadados pela internet, de forma que os seus logarítmicos possam elaborar perfis detalhados sobre os interesses particulares e econômico dos seus usuários.

No âmbito da comunicação pelo facebook, que também acumula dados sobre nossos perfis de comportamento, é ainda mais difícil combater esta estrutura de desinformação ou fake news. Um bom exemplo de desinformação é o próprio governo do Jair Bolsonaro, que conta com uma estrutura de comunicação digital responsável por inúmeros fake News entre outros no seu “gabinete do ódio”.

Sérgio Amadeu exalta a necessidade de repensar e refletir estes instrumentos de comunicação digital a fim de combater (os danos causados pelos) estes interesses neoliberais, produzir novas formas de comunicação e romper a alienação técnica no uso da internet. Através das redes digitais a extrema direita conseguiu acelerar este processo de alienação na sociedade brasileira.

Por fim precisamos criar plataformas de comunicação democratizantes para grupos familiares, associações de profissionais ou sindicatos. Uma plataforma livre dos interesses de consumo, da acumulação de dados pessoais e das avaliações de comportamento digital ou movimentação física dos usuários. Precisamos nos articular melhor nestas plataformas e disseminar nossos interesses democráticos, combatendo assim mecanismos fascistas e neoliberais.

Veja neste sentido Sergio Amadeu Silveira

<https://br.boell.org/pt-br/2020/01/22/o-chocante-bloqueio-algoritmico-do-youtube>

www.boell.de/de/2020/02/03/brasilien-schockierende-sperrung-durch-algorithmus-auf-youtube

Adriano Martins (CAIS) fala na sua introdução sobre a necessidade de criar novas perspectivas na multimídia e aponta assim sua busca por uma comunicação para transformação. Desta forma perguntou para ativistas de diferentes regiões do país, como seria o caminho para uma comunicação para transformação democrática no mundo digital. Com esse pensamento, Adriano Martins reuniu em um filme depoimentos sobre a criação de um espaço digital democrático; filme que está legendado em alemão e pode ser visto aqui:

www.youtube.com/watch?v=4pPCN_ueyY0&feature=youtu.be

Adriano Martins salienta que com o filme ele tenta apontar diferentes perspectivas de uma comunicação para transformação, ou seja, uma comunicação pluralista e comprometida com os direitos humanos, que fortalece a nossa diversidade cultural e social. Como o Sérgio Amadeu já colocou, os desafios de uma comunicação democratizante não são nacionais, mas globais.

Neste sentido Adriano Martins aborda experiências de iniciativas de bases que possibilitaram a criação de uma nova rede de comunicação com um formato inovador e um linguajar mais eficiente.

Na sua apresentação “Âmbitos da incidência política” Adriano Martins enfatiza a criatividade de comunicação dos atores sociais de base. Nos últimos 30 anos de lutas sociais estes atores produziram espaços democráticos fundamentais, que a partir do governo do presidente Temer 2016 foram subitamente destruídos em seus fundamentos básicos. Ele observa que não há realmente uma cultura de direitos humanos enraizada profundamente na sociedade brasileira. E adverte: se não desenvolvermos estratégias da cultura de direitos e valores humanos bem como práticas sociais solidárias, não poderemos seguir no sentido de uma sociedade com democracia de base.

Em seguida apresenta bons exemplos de pessoas anos no Brasil e no mundo que nos últimos em seus depoimentos produzem uma nova cultura de comunicação democratizante:

Recomenda para os participantes primeiro a fala de Amanda Gurgel, professora primária, que faz um depoimento durante uma assembleia de professores contando sobre seu dia a dia na escola, o salário precário e seus desafios como professora e mãe. Ao contrário das falas oficiais secos (?) sobre a problemática educacional do país, ela tem um discurso diferente de uma fala revolucionária ou ideológica, mostrando um exemplo autêntico do caso de uma funcionária pública que luta contra uma reforma injusta no sistema de educação da época. A repercussão deste vídeo foi enorme e nos ensina que precisamos de um discurso mais sensível, simples e pregnante para os interlocutores.

O segundo exemplo é a fala da jovem Ana Júlia. No ano de 2016, aos 16 anos de idade ela relata a ocupação de uma escola, como ela lutava contra a privatização do ensino e sobre a situação precária do seu bairro. Numa fala na Assembleia Legislativa de Curitiba ela conseguiu de forma contundente e concisa indicar os responsáveis pela miséria na sua escola. É importante insinuar que só depois da publicação do vídeo através da internet, que foi tomado conhecimento sobre situação existente ali, apesar de que nesta fase já existia mais de 1.000 escolas ocupadas pelos estudantes.

Em seguida aponta falas similares e de grande força de sensibilidade e mobilização, como a fala de Greta Turnberg na Conferência sobre Mudança Climática da ONU em 2018, dos candidatos da prefeitura municipal “Boulos e Erundina” (Guilherme Boulos e Luiza Erundina, pré-candidatos à Prefeitura de São Paulo pelo Psol, Partido Socialismo e Liberdade), assim como de outros vídeos na internet/youtube, que buscam de forma divertida apresentar conteúdos importantes das nossas propostas de luta para igualdade dos direitos sociais.

Adriano respalda a necessidade de se buscar exatamente estes coletivos, como a “mídia ninja”, que consegue de maneira refletida explicar o universo complexo em que vivemos com uma comunicação libertadora de combate às notícias falsas e desinformação. Neste contexto as informações são transportadas de forma rápida e clara para um público diverso.

Muitas vezes estes vídeos não são profundamente políticos, mas produzem um alto nível de reflexão, chamam atenção e têm o poder de formação de uma cultura democrática.

Por fim, Adriano Martins adverte que comunicação em si não muda o mundo, como a cientista social Claudia Santiga enfatiza. Precisamos de uma comunicação que articule e trabalhe junto aos processos de formação cultural, que articule, mobilize e organize os usuários do mundo digital acarretando um processo sensibilização que nos leve aos nossos fins democráticos.

Mais detalhes destes vídeos estão livres no
https://drive.google.com/drive/folders/1o_ChckXC41thlhpkJCM-MraZdtA7wFZ

No debate entre os ouvintes os palestrantes, Sérgio Amadeu Silveira e Adriano Martins, recomendam uma reflexão das estratégias de comunicação. Estas têm que combater as fake-news e a desinformação. Além disso temos que identificar a estrutura da comunidade desinformada, conhecer suas origens, entendê-la em seu universo. Há que se buscar uma reflexão crítica dentro destes grupos, seja no âmbito do facebook ou do whastapp, seja no ciclo de amigos ou no familiar.

Temos então que sensibilizar os usuários da internet para que eles possam desenvolver uma maior competência ao lidar com os meios de comunicação, estando ciente sobre a necessidade de se buscar argumentos pregnantes, já que o espaço e o tempo para se passar uma reflexão ou informação nestas redes são extremamente escassos. A comunicação deve acontecer de forma breve e concisa.

No que se refere às plataformas base de “dados colonialista”, alguns ouvintes se perguntaram como fortalecer o open source em nosso sentido, a fim de produzir uma comunicação libertária e aberta.

Os palestrantes defendem a ideia de maior uso do open source, entre outros o OpenOffice ou o OpenStreetMap, enfim evitar o google, youtube, etc., já que estes últimos se alimentam de dados pessoais e trabalham com os códigos fechados.

Temos então que combater estas plataformas que se apropriam de dados pessoais. Com os OpenOffice, OpenStreetMap ou a wikipedia temos bons exemplos de comunicação alternativa. Em algumas universidades no Brasil se trabalha com redes sociais separadas das grandes plataformas e com estas temos condições de reproduzimos valores éticos centrais para uma sociedade democratizante. Há, contudo, poucos exemplos de plataformas de comunicação de base democrática na internet. Um fator importante aqui é a capacitação financeira e tecnológica de bases sociais democráticas. Essas devem avaliar a acumulação de dados nos grandes centros informáticos entre outros nos Estados Unidos, pois só ali, é trabalhado estes dados acumulados, por isso se fala de uma estrutura digital de “dados colonialista” das grande multinacionais.

Falando das experiencias e possibilidades de incidência no mundo digital por parte de organizações de bases no Brasil, Adriano cita vídeos com depoimentos muito contundentes e esclarecedores das pastorais de pescadores e em especial de indígenas, que teve uma grande ressonância e um ápice de incidência na internet, especialmente neste período pandemia que estamos vivemos.

No final da roda de perguntas voltadas para o perigo da simplificação o Adriano diz que é possível simplificar mensagens sem perda de conteúdo. Ele volta a enfatizar a necessidade da comunicação de forma breve e concisa não só em textos e falas, mas também em vídeos e imagens. Um bom exemplo desta forma de comunicação prenha e com mensagens de forte emoção é o trabalho da mídia ninjas no Brasil, que seguramente sabem combater formas de comunicação das redes reacionárias. Um exemplo disso foi o caso da revista veja, que durante o segundo governo Dilma Rousseff promoveu uma campanha contra a presidente, usando fotos provocativas na capa que convenciam um público antipetista levando à queda de seu governo em 2016.

Por fim a Anna encerra a oficina com o comentário que temos uma longa jornada de redemocratização dos meios de comunicação política digital no Brasil.